

Dossiê: INCLUSÃO SOCIAL E POLÍTICAS SOCIAIS  
PARA MINORIAS: O PAPEL DAS PESQUISAS  
NA ÁREA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN: 1981-4755  
Vol. 13 nº 24  
1º Sem. 2012  
p. 117 - 142

**FENÔMENOS DE  
CONTATO LINGUÍSTICO:  
UM ESTUDO SOBRE O  
PORTUGUÊS E O  
DIALETO SUÍÇO-  
ALEMÃO**

PHENOMENA OF LANGUAGE  
CONTACT: A STUDY ON  
PORTUGUESE AND SWISS GERMAN

KARNOPP, Andreia Caroline<sup>1</sup>  
VON BORSTEL, Clarice Nadir<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Mestranda pelo Programa de *Master of Arts* da Universidade de Zurique (Suíça) – aluna especial sob orientação da profa. Dra. Clarice Nadir vonBorstel, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Cascavel, Paraná - Brasil.

<sup>2</sup> Professora doutora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – nível de Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste.

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo discorrer sobre a variedade minoritária suíço-alemã no Brasil, mais especificamente em um distrito de Cafelândia, Paraná. Para esta finalidade, consideram-se fatores extra-linguísticos (o contexto familiar) e linguísticos (alternância de código e mistura de línguas). A pergunta básica que orienta esta pesquisa é como se caracteriza e como se usa o dialeto suíço-alemão em contato com o português, e como esse idioma minoritário “sobrevive” se é adquirido em uma comunidade monolíngue de fala portuguesa, no Sul do Brasil. Notou-se, através de entrevistas e observação participante em três gerações de descendentes helvéticos (relativo à Helvécia ou Suíça), que, ao decorrer do tempo, o suíço-alemão, que primeiro era “língua” materna, foi substituído quase que completamente pelo português. Mesmo assim, pode-se perceber que persiste a iniciativa de conservar o dialeto suíço-alemão no Brasil, sendo que vários descendentes dos entrevistados bilíngues (re)migraram para a Suíça.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Línguas em contato, bilinguismo, português/suíço-alemão.*

**ABSTRACT:** This study aims to discuss the minority variety of Swiss German in Brazil, more specifically in a district named Cafelândia, Paraná. For this purpose, we considered extra-linguistic factors (family background) and linguistic factors (code-switching and code-mixing). The basic question underlying this research is how to characterize and use the Swiss German in contact with Portuguese, and how this minority language is able to “survive” if it is acquired in a monolingual Portuguese-speaking community in southern Brazil. It was noted – in interviews and through participant observation with three generations of Helvetian descendants (i.e. relating to Helvetia or Switzerland) – that Swiss German, as the initial mother tongue, has been almost completely replaced by Portuguese over time. Nevertheless, the effort to preserve Swiss German in Brazil can still be perceived, because several descendants of the bilingual respondents have re-emigrated to Switzerland.

**KEYWORDS:** Languages in contact, bilingualism, Portuguese/Swiss German.

## INTRODUÇÃO

Sobre as línguas germânicas e suas variantes faladas no Sul do Brasil já foram realizados inúmeros trabalhos e pesquisas. No entanto, foi investigado muito pouco sobre o alemão suíço e seus dialetos falados no Brasil.

Nesse sentido, objetiva-se analisar no presente trabalho os fenômenos de uso do contato linguístico entre o português

brasileiro (PB<sup>3</sup>) e o dialeto suíço-alemão (SA<sup>4</sup>), considerando fatores extralinguísticos (o comportamento no círculo familiar) juntamente com os fenômenos linguísticos (mistura de línguas e alternância de código) das línguas em contato.

Trata-se de um Estudo de Caso sobre como se caracteriza e como se usa a variedade SA em contato com o PB, e como esse idioma minoritário “sobrevive” sendo adquirido em uma comunidade monolíngue de fala portuguesa, no Sul do Brasil, pois se desconhece a existência de uma pesquisa desse tipo. Os dados foram coletados em um distrito de Cafelândia, no oeste paranaense e os entrevistados pertencem a duas famílias, com parentesco, de descendência helvética (relativo à Helvécia ou Suíça).

Parte-se, neste estudo, da hipótese de que tanto o PB quanto a variedade SA exercem influências mútuas no cotidiano familiar das famílias entrevistadas. Mas, mais ainda, acredita-se que o uso do dialeto suíço está diminuindo, e nas gerações mais novas até desaparecendo. Esses pressupostos são motivados, por um lado, pelos contatos intrafamiliares e interfamiliares e, por outro, pelos casamentos interétnicos e o convívio no meio monolíngue de uma comunidade de fala portuguesa. Além disso, também se considera o fato destes descendentes suíços já não praticarem muito o dialeto materno vernáculo. Mesmo assim, pode ser constatado que eles ainda dominam a sua “língua” materna.

---

<sup>3</sup>O presente estudo não propõe focar variedades do português brasileiro, estas se caracterizam no termo PB.

<sup>4</sup>Não existe “o dialeto AS” porque não há um dialeto oficial na Suíça, senão haveria mais de quinhentos dialetos falados nos vinte e um cantões monolíngues ou bilíngues onde o alemão é considerado língua co-oficial, falada por cerca de 4.450.000 falantes, isto é, 63,7 % da população suíça (WERLEN, 2004, p. 3). Mas, apesar disso, falar-se-á, ao longo desse estudo, sobre “o dialeto AS”, para facilitar a discussão e a análise desse grupo de falantes.

## LÍNGUAS EM CONTATO: O PORTUGUÊS E O SUÍÇO-ALEMÃO

Em quase todos os países coexistiram/coexistem várias línguas. Essa situação linguística é confirmada por Louis-Jean Calvet (2008) quando afirma que

Há na superfície do globo entre 4.000 e 5.000 línguas diferentes e cerca de 150 países. Um cálculo simples nos mostra que haveria teoricamente cerca de 30 línguas por país. Como a realidade não é sistemática a esse ponto (alguns países têm menos línguas, outros, muitas mais), torna-se evidente que *o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e que as comunidades linguísticas se costeiam, se superpõem continuamente* (CALVET, 2008, p. 35 – grifo nosso).

Sob este viés, pode-se observar a história do léxico português, que é basicamente de origem latina, mas que, ao longo do tempo, os seus falantes tiveram contatos com as mais diversificadas realidades linguísticas. Assim, nota-se no português europeu uma contribuição pré- e pós-românica (sub- e superstrato) e arabismos – vocábulos que os mouros legaram na passagem pelo território português durante perto de oito séculos – (adstrato).

Além disso, na variedade do PB influenciaram as línguas indígenas, de fronteiras e as dos imigrantes (dos europeus, africanos, asiáticos, dos países árabes, entre outras). Hoje, o Brasil – como a maioria dos países – é uma nação plurilíngue, com mais de duzentos idiomas<sup>5</sup>, mesmo tendo só uma língua oficial.

Para além do grande número de línguas indígenas faladas, o Brasil conta com diversos idiomas e dialetos de imigrantes e seus descendentes, que, em algumas

---

<sup>5</sup> Mais informações sobre o assunto na página web <[www.labeurb.unicamp.br/elb/](http://www.labeurb.unicamp.br/elb/)> Acesso em: 28 out. 2012.

comunidades, sobreviveram até o momento, como o SA. No entanto, esse dialeto não é língua oficial da Suíça, mas é a mais prestigiada e a mais falada<sup>6</sup>.

Cada região, da parte alemã da Helvécia, tem sua própria variação do dialeto, mas devido à comunicação polidialetoal (*Dialektkontinuum*) os falantes interagem e se entendem, ainda que, muitas vezes, surge a impressão de que os dialetos entre si se diferem pela fonologia e pelo léxico.

Ora, o alemão de prestígio (AP) – que junto ao francês, ao italiano e ao romanche formam os idiomas oficiais do país<sup>7</sup> – só em poucas situações evidencia a interlocução, como no ensino, na mídia, na política e na igreja. Mas se torna notadamente visível que o SA, também nesses domínios, é cada vez mais utilizado nas interlocuções entre os falantes. Além disso, com a modernização, o uso dos dialetos tornou-se bastante usual na escrita, isto é, quando do uso nos correios eletrônicos, torpedos e comentários nas redes sociais geralmente são escritos no SA, mesmo que – oficialmente – não exista uma gramática para estes dialetos, mas somente para o AP.

A razão para essa situação se deu com a Reforma Protestante no início do século XVI, porque com os estudos de Martinho Lutero (alemão) e Ulrico Zuínglio (suíço) a língua alemã se normatizou, para que todos pudessem ler a Bíblia. Portanto, no século XVII, de maneira geral, os alemães começaram a empregar a variedade escrita na língua oral,

---

<sup>6</sup> Mais informações sobre a situação diglósica da Suíça na dissertação “Die Diglossie-Situation in der deutschsprachigen Schweiz” (HAYLIKOVÁ, 2010).

<sup>7</sup> Enquanto às quatro línguas oficiais, considera-se importante informar que nem todos os suíços dominam esses idiomas oficiais e, mesmo assim, a maioria é bilíngue, trilingue ou multilingue porque na escola se aprende a falar o alemão de prestígio, o inglês e o francês (na parte alemã da Suíça). Além disso, a Helvécia conta com muitos imigrantes, o que faz com que se falem, além das línguas acima mencionadas, as línguas de imigrantes.

enquanto os suíços continuaram falando de maneira diferente, ou seja, no SA. Até hoje não houve uma oficialização nacional desses dialetos – como foi o caso dos dialetos na Holanda – porque cada região/cantão tem uma identidade cultural e linguística, e ninguém quis perder a sua. Por conseguinte, não existe uma gramática para os dialetos, pois tanto a escrita quanto a fala de um sujeito podem diferir, consideravelmente, de outros falantes e, internamente podem ser muito divergentes, como será visto nas situações enunciativas entre os falantes, desta pesquisa por um grupo de falantes AS de Cafelândia, Paraná.

De acordo com o exposto, muitos suíço-alemães consideram o AP quase como uma língua estrangeira (WERLEN, 2004) e o dialeto SA como “língua” materna, porque, enquanto o dialeto é adquirido de forma natural, a variedade de prestígio é aprendida só com a matrícula no sistema educativo. Para tanto, os suíços não sentem nenhuma estratificação linguística social ou educacional usando os seus dialetos. Pelo contrário, o uso desses falantes mostra que os mesmos têm orgulho em usá-los e consideram um símbolo da identidade nacional, porque são justo estes dialetos e o uso deles que lhes distinguem dos outros países germanófonos (AMMON, 1995).

O fato de o SA ter tanto prestígio no cotidiano suíço pode causar problemas para os imigrantes – hoje um quinto da população suíça é de descendência estrangeira –, já que estes adquirem, primeiramente, a variedade oficial e não o dialeto. A integração, assim, pode causar dificuldades. Isso também se evidenciou com os imigrantes suíço-alemães, que nos séculos XIX e XX foram para o Brasil lusófono, porque somente falavam o dialeto SA.

Dessa forma, muitos dos imigrantes helvéticos não chegaram a dominar muito bem o falar português. Já seus descendentes, mesmo falando o SA em casa, aprenderam a

falar, ler e escrever o português na escola.

Esse contato de línguas – como causa externa do sistema – proporcionou aos falantes bilíngues e, na maioria das vezes, alterações internas na língua, como no caso dos fenômenos de mistura e alternâncias linguísticas, as quais serão analisadas nas situações enunciativas dos entrevistados.

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES TEÓRICAS

Optou-se, para a configuração teórica desta pesquisa sob a abordagem sociolinguística, que analisa os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade. Parte-se, por isso, da máxima formulada por Fishman (1974), que aborda quem fala, que língua, como, quando, com quem, a propósito de que e com que intenções ou consequências? Intenta-se, a este respeito, identificar as particularidades da fala dos entrevistados bilíngues de descendência suíça em contato com o PB.

Para tanto, primeiramente, serão apresentadas diversas acepções dos termos bilinguismo, *codemixing* e *codeswitching*, para, na sequência, analisar e discutir os dados que representam o resultado deste estudo empírico.

### Abordagens sobre o bilinguismo

Como os termos bilíngues e bilinguismos serão retomados, frequentemente, ao longo dessa pesquisa, é preciso explicar o significado desses conceitos, a partir de como serão utilizados e quem será designado bilíngue.

O termo bilinguismo provém do latim *bilinguis* que originalmente significa “em duas línguas”. Mas, desde o século XX, as definições se diferenciaram sempre mais deste conceito precursor. Durante muito tempo se entendia o bilinguismo como a competência linguística de dominar o uso de duas línguas. Hoje, o termo tem sido muito debatido de acordo com várias perspectivas teóricas. Porém, os autores não

chegaram a um denominador comum.

Distingue-se, segundo Weinreich (1953), o *bilinguismo individual* e o *bilinguismo social* – que, em muitos casos, é comparado com *diglossia* de Ferguson (1959)<sup>8</sup>. Por conseguinte, o bilíngue não é apenas o sujeito que domina duas línguas, mas pode ser também uma realidade linguística de uma sociedade, já que há bi- e/ou plurilinguismo em quase todas as nações, em todas as classes sociais e em todas as faixas etárias.

No presente estudo interessa, sobretudo, a visão sociolinguística do sujeito bilíngue. Significa que importa analisar como o falante domina as línguas e como interage com as mesmas. Mas, dependendo do autor, o bilinguismo individual pode ter várias definições, desde uma exigência máxima até o extremo oposto:

Para julgar as várias definições em publicações modernas, o termo 'bilinguismo' pode cobrir todas as fases do 'controle nativo de duas línguas' de Bloomfield até o conhecimento mínimo na segunda língua (OSKAAR, 1972 *apud* SINNER, 2001, p. 4 – tradução nossa).

Nestas condições, em um sentido mais restrito, o termo bilinguismo é usado para pessoas que demonstram uma competência quase que "perfeita" nos dois idiomas, sem sotaque e sem outros marcadores que possibilitem diferenciá-lo de um falante monolíngue, quando fala uma das duas línguas (BLOOMFIELD, 1933 e OESTREICHER, 1974). Esta pretensão excessiva foi moderada por EinarHaugen quando este explicou que ser bilíngue é "a capacidade de produzir enunciados significativos completos na outra língua" (HAUGEN, 1953, p. 7 – tradução nossa).

---

<sup>8</sup> Não se aprofundará o bilinguismo social no presente estudo. No entanto, para mais informações, recomenda-se o artigo de "Diglossia" de Ferguson (1959).

Atualmente, a definição deste termo é ainda mais vasta, porque já a competência passiva é suficiente para ser considerado bilíngue. Assim, pode-se afirmar que bilinguismo é “qualquer contato com os modelos possíveis de uma segunda língua, e a capacidade de utilizar essa em ambiente da língua nativa” (MACKEY, 2000, p. 26 – tradução nossa).

Não querendo enfatizar as razões apresentadas ao significado do termo bilinguismo, vem à tona que é difícil definir as margens deste conceito. Ora, no presente estudo, segue-se a proposta de Uriel Weinreich sobre o bilinguismo: “a prática de usar alternadamente duas línguas será chamada bilinguismo, e a pessoa envolvida, bilíngue” (WEINREICH, 1953, p. 1 – tradução nossa). Além disso, o autor subdivide o bilinguismo em três tipos: composto, coordenado e subordinado.

Neste estudo, interessa o bilinguismo subordinado, porque é nesse contexto que os sujeitos bilíngues pesquisados se encaixam, ou seja, o indivíduo adquire, assim, no contexto familiar, de forma natural, uma língua materna (L1), neste caso o dialeto SA, e com o ingresso na escola, através de instruções formais, uma segunda língua (L2), o PB. Para aprender a L2 utiliza-se, inicialmente, o sistema linguístico da L1. Mas, com o decorrer do tempo, os entrevistados sentiam necessidade de diminuir o uso da língua minoritária (SA/L1) e dominar melhor a língua majoritária (PB/L2).

É essa mudança/mescla que provocou os fenômenos de usos linguísticos, como já foi colocado, neste texto, abordam-se os estudos sobre misturas de línguas e alternâncias linguísticas nas interações comunicativas entre os falantes do falar SA.

### **Mistura de línguas e alternâncias de código**

A língua e/ou linguagem é um fato social dinâmico em constante mudança/variação pela utilização que os falantes fazem dela. Através de contatos entre as línguas, podem ser

constatadas várias interinfluências. Interessam, neste estudo, sobretudo, as misturas de línguas (*code mixing*) e alternâncias de código (*code switching*).

Diferentes concepções surgem por não existir uma definição precisa desses fenômenos de usos linguísticos. Como foi discutido e analisado por von Borstel (2011). Mesmo assim, intenta-se, na sequência, determinar a diferença entre os conceitos *code mixing* e *code switching*.

De acordo com o exposto, utiliza-se a concepção na qual “o plurilinguismo é um fenômeno normal no mundo, bilinguismo é um caso extremo do plurilinguismo e o monolinguismo é um caso isolado ou até uma deficiência” (LÜDI e NELDE, 2004, p. VII – tradução nossa). Essa é uma realidade que já se mencionou no início do presente estudo, que o plurilinguismo, em primeiro lugar, pode ser considerado um novo campo linguístico, o qual os investigadores só deram o devido valor linguístico há pouco tempo.

Até na metade do século XX, a opinião comum era de que o bilinguismo tinha influências prejudiciais no desenvolvimento cognitivo de crianças. Por isso, a mescla de duas línguas, durante muito tempo, foi absolutamente proibida. Mas, com avaliações mais modernas, mostrou-se o contrário, ou seja, que as competências cognitivas das crianças bilíngues são mais desenvolvidas do que as de falantes monolíngues. Desde os anos setenta, discute-se sobre contatos linguísticos e hoje reserva um lugar importante na linguística, isso de acordo com os estudos de Esser (2006).

Nesse sentido, indaga-se: o que, então, acontece se um sujeito bilíngue se vê confrontado com duas línguas que ele mesmo domina?

Em determinadas circunstâncias, pode acontecer que elas se mesquem em seu discurso. O resultado de um contato de línguas é um enunciado bilíngue – e não uma interferência e/ou transferência linguística –, porque se passa em um dado

momento do discurso de uma língua a outra. O respectivo fenômeno chama-se mistura de línguas (*code mixing*) e alternância de código (*code switching*). Muitas vezes estes termos são usados como sinônimos, mas, na realidade, são conceitos diferenciados. Bokamba (1988) apresenta, para confirmar esta afirmação, uma definição para os dois conceitos:

*Code switching* é a mistura de palavras, frases e sentenças de dois (sub) sistemas gramaticais distintos através dos limites da frase dentro do mesmo evento discursivo [...]. *Code mixing* é a incorporação de várias unidades linguísticas, como afixos (morfemas ligados), palavras (morfemas não ligados), frases e cláusulas de uma atividade interativa onde os participantes, a fim de inferir o que se pretende, devem reconciliar o ouvido com o entendido (BOKAMBA, 1988, p. 23 – tradução nossa).

Por conseguinte, o *code mixing* surge quando o falante bilíngue organiza sua fala em uma língua A, inserindo morfemas de uma segunda língua B. Assim, as formas linguísticas de duas línguas ou variedades linguísticas não se misturam, mas elas são utilizadas nas interlocuções de falantes bilíngues, como Bokamba (1988) mostrou, a possibilidade de mesclar os sistemas morfológicos das duas línguas. O resultado deste *mixing* é a formação de novos léxicos, assim chamados de neologismos, que advêm das línguas em contato. Mas, o termo *code mixing* também pode ser relacionado com a aquisição de línguas. Nesse sentido, a mistura de línguas pode ocorrer por várias razões: (a) quando um termo foi adquirido somente em uma de duas línguas; (b) quando um termo temporariamente não está disponível; (c) se um termo é utilizado muito pouco ou se ele é mais complexo do que na outra língua; e (d) se a criança mistura o *input* (HOFFMANN, 1991).

Portanto, a alternância de código (*code switching*) ocorre quando um falante incorpora no seu discurso,

produzido em um determinado idioma, estruturas equivalentes de outra(s) língua(s), alternando-as. De acordo com Poplack (1980) distingue, no seu Modelo Variacionista, três maneiras de alternância de código:

No *tag switching* (alternância emblemática), algumas palavras ou expressões idiomáticas de uma L2 interferem na L1 como intervenções, palavras expletivas e/ou marcações. São interjeições variáveis e sintaticamente irrelevantes. Esta forma mais simples do *code switching* exige um conhecimento básico da gramática da L2 e pode ser usada também com interlocutores monolíngues.

Já no *intersentential switching* (alternância intersentencial) a troca de códigos ocorre através de frases isoladas e/ou segmentos de frases, exigindo uma competência gramatical maior da L2 e é, geralmente, usado com interlocutores bilíngues.

As alternâncias de línguas no *intra-sentential switching* (alternância intrassentencial) podem ocorrer no meio ou em partes de frases. Este tipo de *code switching* se evidencia quando as passagens de uma língua para a outra são fluentes, estabelecendo uma ligação gramatical. Para tanto, o sujeito bilíngue tem que dominar as duas línguas que está a ponto de mesclar para fazer alternâncias intrassentenciais.

## TRAJETOS METODOLÓGICOS DESSE ESTUDO DE CASO

A pergunta básica que orienta o presente estudo é: como se caracteriza e como se usa a variedade SA em contato com o PB, e como esse idioma minoritário “sobrevive” se é adquirido em uma comunidade monolíngue de fala portuguesa, no Sul do Brasil? Para a obtenção de respostas, se procurou encontrar quais as influências que os contatos intra- e interfamiliares, os casamentos interétnicos e o estabelecimento no meio

monolíngue exerceram/exercem sobre tal escolha ou uso linguístico. Nesse sentido, foi adotada uma estratégia metodológica qualitativa, o Estudo de Casos de acordo com Martins (2008).

Opta-se por analisar dois aspectos: um extralinguístico (o comportamento no círculo familiar) e um linguístico, caracterizando fenômenos de usos e misturas de línguas e alternâncias de código, para conservar a relação entre sociedade e língua, defendida pelos estudos sociolinguísticos.

Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes técnicas: um roteiro de entrevista estruturado – contendo perguntas abertas, perguntas fechadas e escalas de avaliação – com base em Labov (1983), a observação participante de acordo com os estudos de Gumperz (1964) e de gravações em outubro de 2012, em encontro de cinco de oito irmãos da primeira geração (G1) de descendentes suíços.

O roteiro estruturado, previamente definido, foi aplicado para todos os entrevistados. Essas entrevistas serviram de apoio para constatar as variáveis acima mencionadas e para fazer comentários prévios acerca do comportamento de uso da variante suíço-alemã falada por três gerações de duas famílias de Cafelândia, Paraná, no Sul do Brasil.

A observação participante e a gravação, por sua vez, foram selecionadas para completar as reflexões sobre a escolha e o uso das línguas em contato (SA e PB) e para obter dos falantes em suas interlocuções os enunciados do padrão linguístico.

O perfil dos entrevistados foi composto por membros de três gerações (G1, G2 e G3) de duas famílias com a mesma origem: (a) uma primeira, composta por descendentes de suíços; (b) uma segunda, composta pelos filhos desses descendentes suíços; e (c) uma terceira, composta pelos netos desses descendentes suíços. O acesso a essas famílias ocorreu, sempre, por meio de um contato prévio com o casal da primeira

geração, explicando-lhe o interesse em estudar a história da (i)migração de sua família e o falar SA. Segue o Quadro I, com as informações principais dos entrevistados de descendência suíça.

Quadro I – Os entrevistados

Fam.	E.	Idade	Ger.	Sexo	Escol.	Pref. da esc. ling.	Avós	Pais	Irm.	Conj.	Fil.	Net.
F1	Fr	79	G1	M	1º grau incom.	P/S	S	S/(P)	P/S	A/P	P	P
	Hi	80	G1	F	1º grau incom.	A/P	A	A/(P)	A/P	S/P	P	P
	Ma	56	G2	F	3º grau com.	P/(A)/(S)	A/S	A/P/S	P	P	P	P
F2	Be	17	G3	F	3º grau incom.	P	A/P/S	P	P	∅	∅	∅
	Wi	63	G1	M	2º grau incom.	P/S	S	S/(P)	P/S	A/P	A/E/ P/S	A/E/ P/S
	Vi	62	G1	F	2º grau incom.	A/P	A	A/(P)	A/P	P/S	A/E/ P/S	A/E/ P/S
	Fe	28	G2	M	3º grau com.	P	A/S	A/P/S	A/E/ P/S	P	P	∅

Legenda: Fam.: família – com as iniciais do sobrenome da família; E.:entrevistado; Ger.: geração; Escol.: escolaridade; Pref. da esc. ling.: preferência da escolha linguística;Irm.: irmãos; Conj.: cônjuge; Fil.: filhos; Net.: netos.As línguas estão organizadas alfabeticamente e as entre parêntese já não são ou nunca foram dominadas perfeitamente por falta de praticá-las ou por falta de necessidade: A = alemão de prestígio; P = português de prestígio; S = suíço-alemão; E = espanhol.

O estudo de campo foi desenvolvido em duas etapas de levantamento de dados: na primeira, foram realizadas quatro entrevistas com a família F1, na segunda, entrevistaram-se três membros da família F2. Para a análise do comportamento de uso da variante suíço-alemã foram usadas, sobretudo, as interações comunicativas com os entrevistados Fr da família F1 e Wi da família F2, porque são os únicos que ainda dominam o dialeto SA/LI, neste grupo de falantes. Por conseguinte, pode ser constatado, desde já, que a G1, por falta de formação escolar, apresenta algumas dificuldades no PB/L2. Por outro lado, os membros da G2 e G3 têm uma formação de ensino universitário – dominam, portanto, muito bem o PB –, mas

houve a perda, em grande parte, sobre a habilidade de falar o dialeto da língua materna vernácula – o SA.

## SOBRE A HISTÓRIA DOS IMIGRANTES SUÍÇOS

Os primeiros estrangeiros que imigraram oficialmente para o Brasil foram colonos suíços e suas famílias que, entre 1818 e 1819, chegavam à Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. A razão de deixar sua terra natal foi a crise econômica na Europa – que agravou depois das Guerras Napoleônicas (1799-1815) – e as colheitas minguadas dos agricultores causadas pela competição dos países industrializados.

Para fugir da fome e da pobreza, cerca de duas mil pessoas alistaram-se para emigrar ao Brasil, onde o governo brasileiro lhes promoveu terra e uma vida econômica e social melhor. Mas, de fato, a corte portuguesa – que se estabeleceu no Rio de Janeiro, entre 1808 e 1820 –, em primeiro lugar, não pensou em ajudar os pobres camponeses, mas sim queriam conseguir trabalhadores braçais e formar uma colonização “branca”<sup>9</sup>. Por conseguinte, não demorou para que esse sonho dos imigrantes suíços transformasse em pesadelo, porque já na viagem morreram mais de mil pessoas e na chegada foram confrontados com uma região assolada pela malária<sup>10</sup>.

Depois desse primeiro fluxo de suíços, desencadeou-se um segundo movimento de membros da Helvécia rumo ao Sul do Brasil, em particular, para Dona Francisca, atual região de Joinville, Santa Catarina, de onde as famílias suíças se

---

<sup>9</sup> Considerava-se necessário melhorar a raça brasileira através de um clareamento genético. Mas a formação da humanidade já desconstrói qualquer mito da eugenia, pois a história mostrou que em vez de se tornar mais branco, o povo ficou mais mestiço (MACIEL, 1999).

<sup>10</sup> A história dos primeiros imigrantes suíços do Brasil está disponível na página web <<http://www.suicosdobrasil.com.br/>> Acesso em: 26 out. 2012.

<sup>11</sup> Na época da Segunda Guerra Mundial a colônia Nova Helvetia recebeu o nome de Serra Vencida.

dispersaram por toda região serrana catarinense. Como a imigração, dessa vez, não foi organizada pelo governo brasileiro, não se conhece o número exato de suíços que vieram para o Brasil, pois muitos deles eram contados ou denominados como alemães, já que o dialeto SA forma parte do grupo de línguas germânicas.

O *Ethnologue report for Brazil* informa a esse respeito que 1.500.000 brasileiros ainda falam o dialeto AP no Brasil, mas também reconhece que “vários dialetos, provavelmente devido a ser língua de comunicação para muitos outros falantes de línguas germânicas, como o Suábio [swg], o Bávaro [bar] entre outros, bem como os imigrantes da Suíça e da Áustria” (LEWIS, 2009, versão online – tradução nossa).

As famílias selecionadas para esta pesquisa são descendentes de um casal, naturais da Suíça, já falecidos. O pai dos entrevistados Fr da F1 e Wi da F2 nasceu em 1899, em Hundswil no cantão de Appenzell Ausserrhoden (Appenzell Exterior/AR) e a mãe no ano 1912, em Birmensdorf no cantão de Zürich (Zurique/ZH). Em 1922, ambas as famílias, independentemente uma da outra, imigraram para Nova Helvetia<sup>12</sup> – colônia fundada no ano 1897 por imigrantes suíços –, no município de Ibirama, distrito de Presidente Getúlio (na época – hoje município), Santa Catarina, essas famílias trabalhavam na agricultura. Nesse período, as duas famílias dispuseram mais de dez vizinhos de descendência helvética com o sobrenome *Beerli, Dünki, Frehner, Geiser, Krummenacher, Müller, Roggli, Rosenberger, Schläpfer, Spring, WallereWanner*. Por esta razão, o intercâmbio em SA – e a conservação de certas tradições suíças, como a celebração do 1º de Agosto (dia da independência da Suíça), o *jass* (jogo de cartas) e o *jodel* (canto vocal usado principalmente na região

<sup>12</sup> O dialeto SA pertence à região sul da área germanófona que se subdivide em três partes: a região norte (Niederdeutsch), a região centro (Mitteldeutsch) e a região sul (Mittel-, Hoch- e Höchstalemannisch) (AMMON, 1995, p. 15).

dos Alpes) – resultou ser fácil e absolutamente normal, mesmo que não falavam os mesmos dialetos.

Havia, em Nova Helvetia, quatro dialetos suíços representados: de Appenzell, de Berna, de Lucerna e de Zurique, todos derivados da variedade *Hochalemannisch*, da região sul da área germanófono<sup>12</sup>. Os itens lexicais desses dialetos são pronunciados de forma muito semelhante, pelo que se confirma a comunicação de uma forma polidialeto. O AP serve como referência de prestígio e o PB como tradução dos termos apresentados.

Ainda assim, há que se considerar que, no período das Guerras Mundiais, o governo de Getúlio Vargas proibiu o uso de línguas alóctones no Brasil. Por conseguinte, as aulas de alemão não foram mais permitidas na escola municipal da Nova Helvetia. Mas, os dialetos helvéticos não foram proibidos porque a Suíça, por questões políticas, sempre permaneceu neutra. Nestas condições, os moradores da região continuavam falando o SA no contexto inter- e intrafamiliar.

No ano de 1952, a família migrou, por questões econômicas, para Santo Antônio do Caiuá, Paraná, onde a situação linguística mudou por completo. Agora, já não estavam rodeados de imigrantes suíços e outros descendentes germânicos, mas sim, de nortistas (naturais da região Norte e/ou Nordeste do Brasil).

Enquanto ao intercâmbio, na comunicação entre pais e filhos, como de costume, predominava o SA, mas os irmãos interagiam cada vez mais em PB, em virtude da nova localidade e também por causa da escola, que exigia a comunicação em português. Desde então, os irmãos misturaram o SA e o PB em suas interações linguísticas. Também as tradições culturais

---

<sup>13</sup> *Raclette* e *fondue* são pratos tradicionais de origem Suíça, normalmente à base de queijo. Além da *fondue* de queijo, existem variações com chocolate ou carne (cf. *fondue* chinês).

suíças, como a celebração do 1º de Agosto se perdeu, porque as pessoas da comunidade tinham outros hábitos e outras crenças e culturas.

Depois de um tempo, alguns filhos foram para São Paulo, onde o mercado de trabalho oferecia outras possibilidades econômicas. Os pais da G1 – considerando que todos irmãos e não só os entrevistados Fr da F1 e Wi da F2 –, em 1968, foram morar para Marechal Cândido Rondon, Paraná, porque preferiam viver entre os imigrantes e seus descendentes europeus.

Hoje, os oito filhos moram em diferentes partes do mundo: dois residem em um distrito de Cafelândia, Paraná, a família Fr da F1 e a Wi da F2, os entrevistados desse Estudo de Caso –, um permaneceu no norte do Paraná, duas filhas em São Paulo e as três irmãs restantes moram na Suíça, com uma grande parte da sua família.

## OS FENÔMENOS DE USO LINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS E O SUÍÇO-ALEMÃO

O Brasil é um país com uma infinidade de etnias, culturas e línguas. Como os imigrantes suíços e seus descendentes formam um desses grupos, serão apresentados aqui os resultados das entrevistas feitas com duas famílias F1 e F2 conforme Quadro 1, para revelar alguns fenômenos de uso no contato entre o SA e o PB, de falantes bilíngues do Sul do Brasil.

### Mistura de línguas (*code mixing*)

Esse fenômeno de uso linguístico acontece, primeiramente, pela comunicação oral do falante, quando este transfere linguisticamente itens lexicais de uma língua para a outra. Neste estudo, o *code mixing* aconteceu quando os

termos espontâneos não foram disponíveis ou aprendidos na LI/SA. Então, os sujeitos bilíngues recorreram a uma forma equivalente em outra língua para preencher o vazio, como em:

(01) *Brehmen mit agá. ja?* – (Brehmen com [a letra] agá, sim?) [E: Fr da FI, out. 2012].

(02) *Wo si dänn agfangä händ presente kriegä, dänn händs dänn sinds händs meh coragem kriegt fürdä Wienachts maa dich terгах.* – (Quando começaram de ganhar presentes, tiveram mais coragem para ir mais perto do Papai Noel.) [E: Fr da FI, out. 2012].

(03) *Dänn hánich no contrabando mit kah.* – (Daí ainda levei contrabando.) [E: Wida F2, out. 2012].

Geralmente, a mistura de línguas diminui com a idade, mas como os entrevistados praticam pouco o dialeto SA, algumas palavras desse dialeto foram esquecidas. Pode-se, porém, argumentar que a L2/PB se tornou, ao longo do tempo, a língua mais usada por todos os entrevistados.

Tanto os filhos como os netos entrevistados da G1 não dominam muito bem o sistema linguístico do SA. Mesmo assim, se lembram de algumas refeições como, por exemplo, *Racclette*, *Fondue*<sup>3</sup>, *Eili* – (ovinhos), *Fleisch* – (carne) e *Reis* – (arroz). Observa-se que *Reis* é uma palavra do AP e não do SA (*Riis*), pelo que se pode verificar uma interferência fonológica no falar da entrevistada Hi da FI e da entrevistada Vi da F2.

Também na pergunta se os entrevistados da G2 e G3 tinham conhecimento sobre frases ou expressões retóricas que utilizavam nas interlocuções com os seus pais/avós, demonstrando em suas interações a interferência do AP e não do dialeto AS, como em: *Alles blau* – (tudo bem), *schmeckt gut* – (bom paladar) e *Ach du liebe Zeit* – (Pelo amor de Deus), dentre outros.

Na discussão teórica, reitera-se que existe a possibilidade de se mesclar os sistemas morfológicos de duas línguas. Ao longo das entrevistas conseguiu-se observar duas ocorrências:

(04) *Dänn häter das **porterli** offeglaundichusä* – (Daí ele deixou aberto o portãozinho e eu saí) [E: Fr da FI, out. 2012].

(05) *Und dä Vaterhät das xehund numä no schnäll chöne am fuess nä hund **usepuxa***. – (E o pai viu isso e só podia agarrar o [meu] pé e puxar para fora) [E: Fr da FI, out. 2012].

Nos dialetos germânicos, o uso do diminutivo é muito comum, assim as palavras que no SA levam “-li” no final, representam um sufixo lexical de forma diminutiva. Mas o termo *porterli* utilizado no enunciado (05) não deriva nem do SA e nem do PB, porque é um neologismo criado por um dos entrevistados bilíngues, ao longo das narrativas orais, composto pela raiz da palavra portuguesa “portão” e o sufixo diminutivo “-li” do dialeto SA.

Outra construção linguística peculiar é o neologismo prefixal *usepuxa* no enunciado (05), visto que a raiz do verbo é a palavra portuguesa “puxar”. Acrescentou-se, portanto, um advérbio germânico *use* – (para fora). A formação desse neologismo é interessante porque está marcado na estrutura morfológica do dialeto SA: *usäziä* – (puxar para fora), que em PB poderia ser traduzido como “arrancar” ou “tirar”. Portanto, observa-se, nesse item lexical, que ainda existem particularidades que se baseiam na estrutura do dialeto SA.

### Alternância de código (*code switching*)

A alternância de código é um fenômeno bastante presente nas famílias bilíngues entrevistadas, principalmente, quando narram fatos sobre o passado. Na família F2 predomina a alternância entre o SA e o PB, enquanto que na família FI ocorrem *switches* entre o dialeto SA o falar PB e o AP. Alguns exemplos:

(06) *Não, mer tuät immer dänn chliwägs lezum spilä, né?* – (Não, a gente daí sempre troca um pouco para tocar, né?) [E: Fr da FI, out. 2012].

O enunciado (06) mostra duas alternâncias muito utilizadas ao longo das entrevistas. Enquanto que a afirmação *ja* – (sim) na maioria dos casos é pronunciada no dialeto SA, a negação, com só uma exceção, é articulada em PB. O que se deve, provavelmente, ao fato de que os entrevistados estão mais habituados de se comunicar em português. Além disso, as primeiras palavras geralmente são pronunciadas de forma mais espontânea, o que comprovaria a hipótese deste estudo ou a utilização do *tag switching*.

Enquanto ao *né*, uma contração de “não é”, pode ser constatado como recurso retórico de muitos falantes, e não só dos entrevistados. Mas os sujeitos bilíngues entrevistados utilizaram, além do *né* português, o *ja* suíço-alemão, como no enunciado (I). Em posição final do enunciado, as duas declarações podem caracterizar expressões retóricas ou servem para confirmar o que foi dito. Parte-se do princípio que os acréscimos foram empregados com segurança e para conferir o dito, já que a LI/SA dos entrevistados não é a sua língua majoritária.

(07) *Ich muess mal schnällim banheiro ga, só chimarrão não da, né?* – (Eu tenho que ir rapidinho ao banheiro, só chimarrão não dá, né?) [E: gravação da G1 (entre os irmãos), out. 2012].

(08) *Têm muitas coisas, aber mer vergas stimmer.* – (Têm muitas coisas, mas a gente esquece sempre.) [E: Wi da F2, out. 2012].

Os enunciados (07) e (08) evidenciam alternâncias intersentenciais. Pode ser constatado que em comparação com as ocorrências em (06) as alternâncias nesse momento são maiores e isoladas. Mesmo fazendo parte de línguas diferenciadas, as partes das frases em L2/PB estão de acordo com as gramáticas da LI/SA.

(09) *Die Muäter hät dänn dä Weihnachtsmann gemacht.* – (A mãe daí brincou de Papai Noel) [E: Fr da F1, out. 2012].

O exemplo (09) já forma parte da alternância intrassentencial. Escolheu-se esse enunciado por ele ser diferente dos anteriores, visto que se mesclam o AP e o PB. A referida alternância poderá parecer curiosa, mas não é, pois, como já mencionado, constatam-se nas duas famílias uma convivência das três variantes (SA, PB e AP). Portanto, este sujeito da GI, aparentemente, também passou por algumas alternâncias germânicas, e não só seus descendentes (as G2 e G3).

(10) *Dä Onkel Ewald era um santo, aber tante Elsbeth hät öfters gschimpft.* – (O tio Ewald era um santo, mas a tia Elsbeth muitas vezes xingava.) [E: gravação da GI (entre irmãos), out. 2012].

(11) *Foi o seguinte: ele veio, ich bruch Gäld. Dänn hämmer xeit: oia, esse é nosso lucro, pode levar.* – (Foi o seguinte: ele veio e falou que precisa de dinheiro. Daí falamos: oia, esse é nosso lucro, pode levar.) [E: gravação da GI (entre irmãos), out. 2012].

Também os enunciados (10 e 11) são *codeswitches* intrassentenciais porque se verifica, na tradução dos exemplos, que a parte pronunciada em PB pode ocorrer, no sentido morfossintático, adequadamente na frase SA.

As duas línguas em contato exercem, assim, alternâncias mútuas, motivadas pelos contatos interfamiliares dos entrevistados bilíngues. Também é nesse tipo de enunciados que se pode determinar que os entrevistados de descendência suíça da GI ainda são bilíngues linguisticamente competentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo empírico *in loco*, sobre os fenômenos de uso em línguas em contato, mostra que o falar PB e o dialeto SA exerceram influências mútuas, espontâneas de origem cultural identitária. Essas foram motivadas por diferentes causas. Por um lado, pelos contatos intra- e interfamiliares, na época da adolescência dos entrevistados e quando estes se

encontram com outros falantes do SA. Por outro lado, também se verificou que os casamentos interétnicos e o convívio no meio monolíngue de uma comunidade de fala portuguesa causaram alternâncias no uso e no falar o dialeto SA.

A partir da aplicação do roteiro de entrevistas se revelou, nesse sentido, que a G3 praticamente só fala o português, enquanto que a G2 fala alternadamente, utilizando mais o PB. Referente à lusitanização da fala das famílias entrevistadas pode-se dizer, de modo geral, que não houve uma preocupação muito grande em transmitir aos filhos/netos o dialeto materno vernáculo, visto que, com a matrícula na escola se aprendeu o PB, língua oficial e mais utilizada pelos sete entrevistados. Já a G1 ainda domina as duas variedades (SA e PB), nas entrevistas disseram que não tiveram dificuldades em manter interações comunicativas no dialeto materno vernáculo quando foram passear na Suíça. Este fato se confirma na análise dos dados, do presente estudo, porque os sujeitos bilíngues ainda dominam a sua LI.

Acredita-se que se conseguiu comprovar, neste Estudo de Caso, que, ao decorrer do tempo, o dialeto SA, sobretudo nas gerações mais jovens, foi substituído quase completamente pelo português. Portanto, pode-se dizer que se torna cada vez mais difícil para o SA “sobreviver” nas comunidades monolíngues de fala portuguesa. No entanto, ainda há esperança, pois vários filhos e netos dos entrevistados bilíngues (G1) (re)migraram para a Suíça onde praticam e utilizam o dialeto SA.

Os fenômenos de uso analisados foram as misturas de línguas e as alternâncias de código, ou seja, resultados de contato linguístico. Dessa forma, foi mostrada uma primeira seleção heterogênea de unidades lexicais no dialeto SA e no falar PB por diferentes falantes da região Sul do Brasil. Espera-se, com isso, poder contribuir com uma aproximação ao tema, bem como, estimular os estudiosos a investigarem mais nesse contexto linguístico específico.

## REFERÊNCIAS

AMMON, Ulrich. *Die deutsche Sprache in Deutschland, Österreich und der Schweiz: das Problem der nationalen Varietäten*. Berlin: de Gruyter, 1995.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BOKAMBA, Eyamba G. "Code-mixing, language variation, and linguistic theory: Evidence from Bantu language". In: *Lingua*, 7 (6), p. 21-62, 1988.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. M. Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

CONSULADO Geral da Suíça São Paulo. *Suíços do Brasil*. Disponível em: <http://www.suicosdobrasil.com.br/>. Acesso em: 26 out. 2012.

ESSER, Hartmut. *Sprache und Integration. Die sozialen Bedingungen und Folgen des Spracherwerbs von Migranten*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2006.

FERGUSON, Charles A. "Diglossia". In: FONSECA, Maria S. V. da; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974, p. 99-118.

FISHMAN, Joshua. "A sociologia da linguagem". In: FONSECA, Maria S. V. da; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974, p. 25-40.

GUIMARÃES, Eduardo. ELB – *Enciclopédia das Línguas do Brasil*. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb/>. Acesso em: 28 out. 2012.

GUMPERZ, John J. "Linguistics and social interaction in two communities". In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Ed.) *The ethnography of communication*. Washington: D. C. American Anthropological Association, 1964, p. 137-154.

HAUGEN, Einar. *The Norwegian Language in America*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1953.

HAVLÍKOVÁ, Martina. *Die Diglossie-Situation in der deutschsprachigen Schweiz*. Masaryk-Universität, 2010. Disponível em: [http://is.muni.cz/th/179140/ff\\_m/Magisterska\\_prace-Martina\\_Havlikova.txt](http://is.muni.cz/th/179140/ff_m/Magisterska_prace-Martina_Havlikova.txt). Acesso em: 09 nov. 2012.

HEEB, Dominik. *Das Chochichästli-Orakel*. Disponível em: <http://dialects.from.ch/>. Acesso em: 01 nov. 2012.

HOFFMANN, Charlotte. *An introduction to bilingualism*. England: Longman, 1991.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

LEWIS, M. Paul (Ed.). *Ethnologue: Languages of the World*. Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International, 2009. Versão online: <http://www.ethnologue.com/>. Acesso em: 29 out. 2012.

LÜDI, Georges; NELDE, Peter. Instead of a foreword: Codeswitching as a litmus test for an integrated approach of multilingualism. In: AMMON, U./ MATTHEIER, K. J./ Nelde, P. H. (Eds.): *Sociolinguistica: Code Switching*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. VII-XII.

MACIEL, Maria Eunice. "A Eugenia no Brasil". In: *Revista Anos 90*, n° 11, p. 121-130, Porto Alegre, 1999.

MACKEY, William F. "The Description of Bilingualism". In: Wei, L. (Ed.). *The Bilingualism Reader*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2000, p. 26-54.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: Uma Estratégia de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.

OESTREICHER, J. P. *The Early Teaching of a Modern Language, Education and Culture*. Review of the Council for Cultural Cooperation of the Council of Europe, n°24, 1974, p. 9-16.

POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL. *Linguistic*. v. 18, p. 581-618, 1980.

SINNER, Carsten. Zur Terminologie in der Sprachkontaktforschung: Bilinguismus und Diglossie, Interferenz und Integration sowie tertiärer Dialekt. In: Hassler, G.

(Ed.). *Sprachkontakt und Sprachvergleich*. Münster: Nodus-Publ., 2001, p. 125-152.

VON BORSTEL, Clarice Nadir. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953.

WERLEN, Iwar. “Zur Sprachsituation in der Schweiz mit besonderer Berücksichtigung der Diglossie in der Deutschschweiz”. In: *Bulletin VALS-ASLA* (Vereinigung für angewandte Linguistik in der Schweiz) 79, p. 1-30, 2004.